

eJOURNAL USA | DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

EJ|USA



poder feminino

comemorando as realizações da mulher

NESTA EDIÇÃO: DANÇA BHANGRA NOS EUA | O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM AS ABELHAS? | AVENTURAS NO FOTOJORNALISMO

Editor **EJ|USA**

IIP/CD/WC

Departamento de Estado dos EUA
2200 C Street, NW
Washington, DC
20522-0501 USA
e-mail: ejusa-suggestions@state.gov

Inscrição **ISBN** 978-1-625-92050-8

ISBN individual 978-1-625-92175-8

Departamento de Estado dos EUA
Bureau de Programas de
Informações Internacionais

Coordenador do IIP
Macon Phillips

Editor executivo
Nicholas S. Namba

Diretor de conteúdo escrito
Michael Jay Friedman

EQUIPE EDITORIAL

Editora-gerente
Elizabeth Kelleher

Editores
Kourtni Gonzalez, Sasha Ingber, Lauren
Monsen, Mark Trainer, Andrzej Zwanecki

Designers
Lisa Jusino, Julia Maruszewski,
Lauren Russell

Redatores colaboradores
Momo Chang, Ruxandra Guidi, Tanya Hiple,
Susan Milligan, Tim Neville

Arte das capas
Lauren Russell; capa, adaptada de
©Fearsonline/istock/Thinkstock; contracapa,
adaptada de ©Elena Spevakova/istock/
Thinkstock (silhuetas de mulheres), ©Kevin
Renes/Hemera/Thinkstock (mulher vintage),
©Simona Dumitru/istock/Thinkstock
(estátua da liberdade)

PUBLISHER

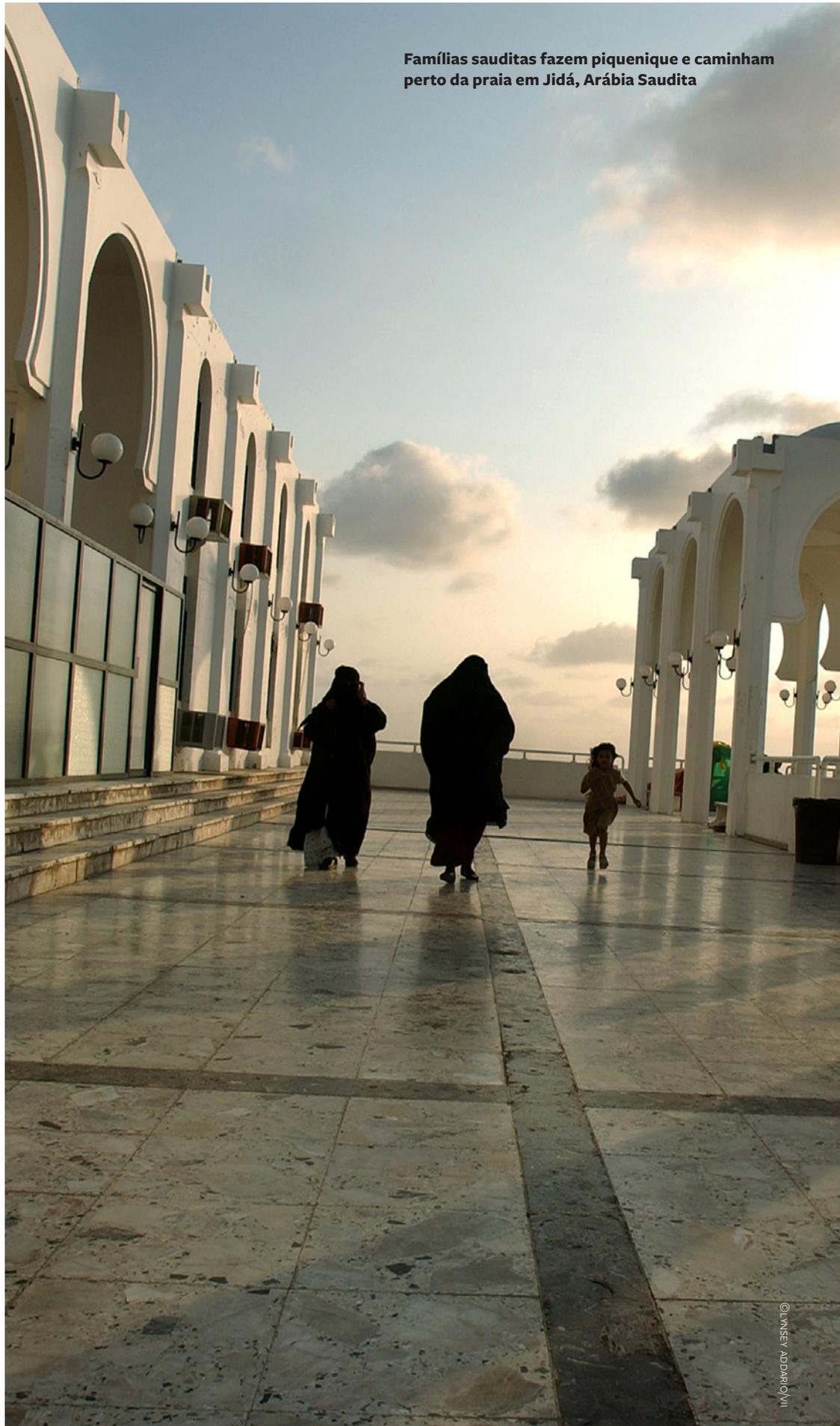
O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica a revista eletrônica *EJ|USA*. Cada edição fornece aos leitores internacionais reflexões sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Cada edição de *EJ|USA* é publicada nos formatos impresso e eletrônico em inglês e também pode estar disponível em um ou nos dois formatos em árabe, chinês, francês, persa, português, russo, espanhol e outros idiomas. Cada edição é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas na *EJ|USA* não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas edições da *EJ|USA*; a responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos da *EJ|USA* podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos. As fotografias e ilustrações podem ser reproduzidas se não tiverem restrições explícitas de direitos autorais. Se estiverem protegidas por direitos autorais, é necessário pedir permissão aos detentores dos direitos mencionados em cada edição.

EJ|USA

**Famílias sauditas fazem piquenique e caminham
perto da praia em Jidá, Arábia Saudita**



Março de 2014

podere feminino

comemorando as realizações da mulher

ESPECIAL

12 **PODER FEMININO**

Coragem por trás das lentes | Sobrevivência pelo esporte |
Poder para as mulheres

Departamentos

3 **INSTANTÂNEOS DOS ESTADOS UNIDOS**

Super-heroína da Marvel Comics | Menininho da mamãe | Em sintonia com as respostas certas | Você percorreu um longo caminho, cara

4 **PAZ E SEGURANÇA**

ONU vista de perto

6 **COMUNIDADES**

Entre páginas

8 **LAZER**

A febre da dança bhangra

10 **MERCADO**

Volta ao mundo em 273 dias

24 **CIÊNCIAS**

Mistérios das abelhas

28 **EDUCAÇÃO**

Sala de aula 2.0

29 **ARTES**

Salvando os tesouros do mundo

30 **CONVERSAS DO DIA A DIA**

Dê sua opinião

32 **TANYA HIPLE: ÚLTIMA PALAVRA**

Um lugar à mesa

33 **RECURSOS**

Tudo sobre inglês
Ligando os pontos



Senhora presidente?

Nos Estados Unidos, as fileiras de mulheres candidatas a cargo político vêm crescendo, lenta e gradualmente, há anos. Cada vez mais, mulheres capazes estão fazendo nome nos âmbitos local, estadual e federal.

Em 1984, quando Geraldine Ferraro aceitou a indicação para concorrer na chapa democrata com o candidato a presidente Walter Mondale, foi quase uma “jogada desesperada” para incluir uma mulher e assim abrir novos caminhos, segundo Geoffrey Skelley, analista político do Centro de Política da Universidade da Virgínia. Geraldine Ferraro concorreu a vice-presidente tendo três mandatos de deputada por Nova York na Câmara dos Deputados dos EUA, um currículo político mais fraco do que a maioria dos candidatos que concorre ao governo nacional.

Três décadas depois, o cenário é diferente. Vejamos a história recente. Em 2008, Sarah Palin, governadora do Alasca, concorreu a vice-presidente como companheira de chapa do republicano John McCain, e Hillary Rodham Clinton, ex-primeira-dama e então senadora por Nova York, foi uma séria candidata à indicação do Partido Democrata para concorrer à Presidência. Na eleição presidencial de 2012, a deputada Michele Bachmann, de Minnesota, foi uma das primeiras líderes entre os candidatos republicanos. Hoje, a líder da minoria na Câmara, Nancy Pelosi, primeira presidente mulher da Câmara dos Deputados, continua entre os líderes de destaque no Congresso.

Embora nenhuma mulher tenha anunciado que vá concorrer a presidente em 2016, analistas de pesquisa de opinião arriscam vários nomes de candidatas, inclusive entre senadoras e ex-integrantes do governo. Skelley aposta que uma disputa presidencial em 2016 com uma mulher liderando a chapa de um dos partidos poderá ser uma “batalha titânica”, ao contrário da disputa de 1984, quando a chapa Mondale/Ferraro perdeu de lavada para Ronald Reagan.

Em homenagem ao Mês da História da Mulher, esta edição de EJ|USA analisa a participação cada vez maior das mulheres não apenas na política, mas nos esportes, na saúde, nos negócios e em todas as áreas da sociedade. As ambições das mulheres estão mudando o cenário americano.

–Elizabeth Kelleher



A líder da minoria na Câmara, Nancy Pelosi, e a ex-secretária de Estado Hillary Rodham Clinton

EJ|USA

**Disponível
em formato
eletrônico em
vários idiomas em:
ejusa.state.gov**





Super-heroína da Marvel Comics

Kamala Khan é uma estudante americana-muçulmana que mora em Nova Jersey. Os leitores de quadrinhos talvez não diferenciem a adolescente de outras meninas do ensino médio, a não ser por suas habilidades de mudar de aparência. Em uma nova série prevista para ser lançada em fevereiro pela Marvel Comics, famosa pelo Homem-Aranha, Kamala Khan defronta-se com sua identidade — fiel à sua família paquistanesa conservadora, mas moderna em seu comportamento — antes de seguir os passos de seu ídolo, a Capitã Marvel, e enfrenta bandidos com a identidade de Ms. Marvel. “Como muitos filhos de imigrantes, ela se sente dividida entre dois mundos”, disse G. Willow Wilson, uma das criadoras da série, ela própria americana-muçulmana.

Você percorreu um longo caminho, cara

Dude talvez seja a palavra falada com mais frequência na gíria americana. Mas o que exatamente significa *dude* e como se tornou parte do vocabulário americano?



A palavra pode ter sido inspirada por Yankee Doodle, personagem de uma famosa canção americana do **século 18**, que coloca uma pena em seu chapéu para ficar elegante. Alguns linguistas acreditam que a palavra *doodle* foi reduzida para *dude* há mais de cem anos para se referir a pessoas que se vestiam na moda.



Mexicano-americanos e afro-americanos urbanos dos anos **1930 e 1940** passaram a usar a palavra para chamar qualquer pessoa de seu círculo social, bem vestida ou não.



A cultura do surfe da Costa Oeste na década de **1980** usava a palavra como uma exclamação. (“Acabei ser surfar uma onda de 4 metros. Cara!”)

Atualmente, a palavra é usada em tantos contextos diferentes que a maioria das pessoas tem dificuldade em descrever seu real significado. Mas não se preocupe. Está tudo bem, cara (um dos sentidos de *dude* em português).

Menininho da mamãe

Um estudo da Universidade de Harvard iniciado em 1938 acompanhou a saúde física e psicológica de mais de 200 homens, da época da faculdade até a velhice. O Estudo Grant de Desenvolvimento Adulto constatou que homens que tiveram relações afetuosas com a mãe durante a infância desfrutaram de melhor saúde e ganharam mais dinheiro (uma média de US\$ 87 mil por ano durante suas carreiras) do que aqueles que não tiveram.

Em sintonia com as respostas certas

Será que a chave para pensar de maneira clara é tocar um instrumento musical? Quanto mais horas as pessoas passam praticando instrumentos musicais, melhor o cérebro pode processar informações e tomar decisões, segundo um novo estudo publicado pela *Neuropsychologia*, revista científica dedicada à neurociência cognitiva. Músicos principiantes realizaram os testes cognitivos mais lentamente e com menos precisão do que os músicos com mais horas de prática. Cerca de 6 milhões de adultos americanos tocam um instrumento duas ou mais vezes por semana.

*Tente um teste cognitivo: Qual é a cor da palavra que você está olhando?

azul
rosa
cinza
bege

verde
vermelho
preto
branco

amarelo
laranja
roxo
marrom

A ONU vista de perto

LAUREN MONSEN



Tiffany (à direita, com laptop) ouve palestrantes em sessão da ONU em Nova York

Duas estudantes dos Estados Unidos participaram recentemente de sessões da Assembleia Geral da ONU, ao lado de líderes mundiais enquanto aprendiam sobre assuntos internacionais *in loco*.

Elas são jovens observadoras da ONU, participando de um programa da Associação das Nações Unidas dos Estados Unidos da América, em parceria com o Departamento de Estado. (Alguns outros países enviam jovens como observadores na ONU há décadas.) Para comemorar o Mês da História da Mulher, a revista eletrônica *EJ|USA* conversou com as duas estudantes escolhidas.



Brooke Loughrin

Quem?

Brooke Loughrin, 20 anos, de Seattle, atuou de setembro de 2012 a agosto de 2013 como a primeira jovem americana observadora na ONU. Ela foi escolhida enquanto cursava o terceiro ano da Faculdade de Boston estudando Ciência Política e Civilização e Sociedades Islâmicas.

O quê?

Brooke observou que em muitos lugares jovens do sexo feminino têm menos oportunidades de estudo e emprego.

Ela viajou pelo mundo para conversar com outros estudantes sobre como criar iniciativas de base em suas comunidades. “Recebi uma mensagem escrita a mão de uma estudante do Queens [Nova York], pedindo para eu ir à sua sala de aula falar sobre como fundar um clube Modelo da ONU porque ela leu que fundei um na minha escola.”

Próximos passos?

A ONU fez com que aumentasse seu interesse em uma carreira no Serviço de Relações Exteriores.



FOTOS, CORTESIA TIFFANY TAYLOR E BROOKE LOUGHRIN

A partir da esquerda: Tiffany com Zeenat Rahman, assessora especial do secretário de Estado dos EUA; Brooke Loughrin com Susan Rice, na época embaixadora dos EUA na ONU

LIGANDO OS PONTOS: SEATTLE ●; NOVA YORK ●; GULFPORT ●



ADAPTED FROM ©RON AND JOE/SHUTTERSTOCK.COM

Quem?

Tiffany Taylor, 24 anos, de Gulfport, Mississippi, atua como observadora de setembro de 2013 até junho 2014. Antes de iniciar seu mandato, Tiffany formou-se pela Universidade de Chicago com menção honrosa em Ciência Política e Estudos Ásio-Americanos.

O quê?

A ONU aumentou sua conscientização sobre problemas como o feminicídio, uma forma de sexismo definido pela escritora e ativista feminina sul-africana Diana Russell como o “assassinato de mulheres por homens pelo fato de serem mulheres”. Tiffany disse ter ficado animada ao descobrir que “muitas mulheres e muitos homens se esforçam para acabar com os movimentos terroristas mundiais contra as mulheres”.

Próximos passos?

Trabalhar com Samantha Power, embaixadora dos EUA na ONU, inspirou Tiffany a considerar a ideia de se tornar política. “Infelizmente, são raras as líderes mundiais”, disse ela. “Ser observadora na ONU fez com que eu percebesse a importância de criar programas e bolsas de estudo para incentivar mais mulheres a entrar para a política.”

Entre páginas

RUXANDRA GUIDI



CORTESIA, MATTHEWS OPERA HOUSE E ARTS CENTER, KCBIGREAD.ORG, DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS DE LOS ANGELES

Eles decidiram se candidatar a uma bolsa somente dois dias antes do encerramento das inscrições.

Mary Beth Barloga, diretora educacional do Museu de História de San Leandro, disse, rindo, que a escolha dos livros para o clube do livro da instituição acabou seguindo uma “boa fórmula”. Esse é um dos 50 mil clubes do livro existentes nos EUA, pequenos grupos informais que se reúnem para discutir livros e assuntos relacionados. Com a ajuda de uma bolsa do programa The Big Read (Grande Leitura), do Fundo Nacional para as Artes, a cidade de San Leandro não apenas conseguiu incentivar a leitura de ficção entre novos leitores, como também ajudou a cumprir a principal missão do The Big Read: revitalizar o papel da literatura por todos os Estados Unidos, um livro por vez.

“Estávamos ávidos por realizar uma longa lista de atividades referentes aos livros: um evento inicial, clubes do livro, painel de discussões, sessões de cinema, apresentações, eventos para crianças. Quando descobrimos que um terço da nossa população é de imigrantes, decidimos escolher *The Namesake*.”

The Namesake (publicado no Brasil como *O Xará*), o primeiro romance escrito pelo indiano-americano Jhumpa Lahiri, conta a história de um casal de bengaleses que imigrou da Índia para os Estados Unidos. É uma história épica sobre imigração e colonização que, como imaginava Mary Beth, atrairia o interesse de um segmento cada vez maior da população de San Leandro, tanto sul-asiáticos, como latino-americanos ou imigrantes de outras origens.

O Big Read inaugural de 2007 indicou quatro livros em dez comunidades. Atualmente, quase cem comunidades do país participam do programa. Um programa semelhante, One City, One Book (Uma Cidade, Um Livro), incentiva cidades inteiras a ler o mesmo livro ao mesmo tempo. Em alguns casos, romances como *Bless me, Ultima* [*Abençoe-me, Última*], do autor de ascendência mexicana Rudolfo Anaya, foram indicados pelos dois programas, atraindo principalmente leitores adultos e estudantes do ensino médio de descendência latino-americana.

Antes de *O Xará*, a escolha para o The Big Read na Biblioteca Pública de San Leandro foi

Their Eyes Were Watching God (publicado no Brasil como *Seus Olhos Viam Deus*), de Zora Neale Hurston. Esse romance que narra as experiências de uma mulher independente de uma cidadezinha sulista emocionou muitas pessoas classificadas por Mary Beth como “leitores relutantes”. Atraiu à biblioteca muitos novos leitores afro-americanos, gerando 28 diferentes clubes do livro e um total de 250 participantes de diferentes origens étnicas e culturais.

“Descobrimos que algumas pessoas que tendem a ser mais auditivas e talvez sejam leitores relutantes na verdade apreciam discussões e filmes sobre o livro”, disse. A abordagem do The Big Read em fazer um livro ganhar vida com eventos e reuniões dá aos leitores “mais acesso ao livro, especialmente para adultos”, que talvez estejam mais propensos a ler romances que os conectem a outras pessoas de sua comunidade, declarou Mary.

Em 2004, um relatório do Fundo Nacional para as Artes (NEA) confirmou a necessidade do tipo de abordagem defendido tão entusiasticamente por Mary. A leitura de ficção nos Estados Unidos estava diminuindo rapidamente, em especial entre os jovens. Em resposta, o NEA, em parceria com a organização sem fins lucrativos Arts Midwest, apresentou um modelo para a criação de programas locais e comunitários destinados a incentivar a leitura e a participação de diversos públicos.

“Inicialmente, o catálogo do The Big Read incluía principalmente clássicos da literatura”, disse Joshua Feist, da Arts Midwest. “Mas nos últimos anos, o Reader’s Circle [central de informações de clubes do livro] recomendou títulos mais recentes de autores vivos aclamados que escrevem sobre personagens de todos os estilos de vida, inclusive imigrantes.”

Entre esses mais novos Big Reads estão: *The Beautiful Things That Heaven Bears* (publicado no Brasil como *As Belas Coisas, que é do Céu Contê-las*), de Dinaw Mengestu, e *When the Emperor Was Divine* (publicado em Portugal como *Quando o Imperador Era Divino*), de Julie Otsuka, sobre as experiências de imigrantes etíopes e japoneses nos Estados Unidos, respectivamente.

Leitores latino-americanos e imigrantes em particular também se identificaram com

A partir de cima: O Xará, de Jhumpa Lahiri, foi selecionado recentemente pelo Big Read; passageiros da Cidade de Kansas participam do programa de leitura da cidade; estande de colorir em evento do Big Read na Califórnia

Sun, Stone, and Shadows [Sol, Pedra e Sombras], antologia de contos mexicanos do século 20.

“Não é um livro muito acessível”, disse Amber Gallup Rodriguez, da Sociedade da Musa do Sudoeste (Somos), em Taos, Novo México. “Os contos são difíceis — lidam com fantasmas, mistério, pobreza e guerra.”

Segundo Amber Rodriguez, apesar do assunto difícil, muitos clubes do livro em Taos leem *Sun, Stone, and Shadows*. As discussões são realizadas tanto em ambientes informais como formais, em inglês e espanhol. Elas concentram-se no que se perde na tradução da versão original em espanhol, escrita por autores mexicanos como Octavio Paz e Carlos Fuentes.

A cidade de New Rochelle, em Nova York, que escolheu *Sun, Stone, and Shadows* como Big Read no ano passado, teve uma experiência diferente, se não totalmente inesperada. Os contos mexicanos agregaram clubes do livro compostos por uma combinação eclética de pessoas, como professores e estudantes de inglês como segunda língua (ESL), congregantes de sinagogas, idosos e universitários. “Moradores da comunidade da Grande New Rochelle ficaram agradecidos pela oportunidade de construir pontes culturais”, disse Barbara Davis, coordenadora de relações com a comunidade da Biblioteca Pública de New Rochelle.

Em 2014, cerca de um sexto das bolsas do Big Read foi concedido a comunidades da Califórnia — residência de mais imigrantes do que qualquer outro estado dos Estados Unidos. O estado está também na vanguarda da integração migratória. Mary Beth Barloga, de San Leandro, encara os clubes do livro como uma parte importante do esforço.

“Temos mais leitores afro-americanos nos clubes do livro de Zora Neale Hurston, mais latino-americanos buscando a antologia mexicana de contos”, disse. “Mas também estamos vendo uma diversidade cada vez maior em todos os clubes do livro. Porque todas as pessoas podem se identificar com contos sobre cultura, família e identidade.” ■

LIGANDO OS PONTOS:

SAN LEANDRO ●; TAOS ●; NEW ROCHELLE ●

O poeta Steven Schneider lê trechos de *Borderlines: Drawing Border Lives* [Fronteiras: Desenhando Vidas Fronteiriças] em evento do Big Read em Taos, no Novo México

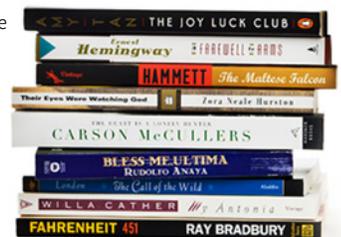


©ROMANCITO HOUSE MEDIA

COMO

criar um clube do livro

- 1 Doe livros** em bibliotecas, bancos de alimentos e escolas. Incentive leitores a passá-los adiante quando acabarem de ler.
- 2 Envolve empresas locais** e organizações sem fins lucrativos na divulgação de leituras ou eventos literários.
- 3 Busque programas bilíngues** em escolas e incentive crianças e pais a participar de clubes do livro.
- 4 Convide palestrantes** para falar sobre o período histórico ligado a um livro.
- 5 Recrute “embaixadores culturais” locais** — ex-alunos que cresceram em uma determinada comunidade — para que se comuniquem com seus amigos e familiares e sugiram eventos para clubes do livro.
- 6 Programe apresentações de filmes** e viagens de campo para envolver a comunidade.



CORTESIA: THEBIGREAD.ORG



A febre da dança bhangra

MOMO CHANG

Bhavi Vohra começou a dançar bhangra quando era criança, em reuniões de família em San José, na Califórnia, sem saber que um dia lideraria o grupo de bhangra da sua universidade. “Era apenas algo que eu gostava de fazer”, disse a estudante da Universidade da Califórnia em Berkeley, que tem 21 anos e vem de uma família indiana.

O bhangra originou-se no estado indiano de Punjab, localizado no norte do país. Sendo em sua origem uma dança folclórica comunitária em celebração à colheita, ganhou popularidade e passou a ser dançado em casamentos, aniversários e feiras locais. Atualmente, o interesse pelo bhangra espalhou-se além-mar, fundindo a tradição com a música ocidental nos EUA, no Canadá e no Reino Unido.

Como centenas de outros jovens adultos, Bhavi Vohra uniu-se ao grupo de bhangra da faculdade para fazer parte de algo maior. Encontrou um sentimento de pertencimento, bem como uma oportunidade para conhecer melhor sua cultura indiana. A princípio, ela não percebia que outras pessoas, além dos seus familiares e da comunidade indiana, também gostavam do bhangra. “Fiquei surpresa ao descobrir isso”, disse ela.

Manreet Sandhu, 21, um dos líderes do Cal Bhangra (grupo da Universidade da Califórnia-Berkeley), não tinha uma ligação forte com sua herança cultural até descobrir vídeos de bhangra no YouTube, quando adolescente. Ficou fascinado pelo movimento e pela música.

“Eu queria falar punjabi. Caso contrário, não conseguiria entender as letras”, declarou Manreet Sandhu, que cresceu nos EUA e cujos pais emigraram do Punjab. “Essa primeira fagulha transformou-se em uma fogueira.”

Hoje, existem dezenas de grupos universitários de bhangra nos Estados Unidos e muitos participam de competições intensas, contribuindo para o desenvolvimento da cena da dança. Os estudantes da Universidade da Califórnia-Berkeley se reúnem até quatro vezes por semana para ensaios que duram de duas a três horas. No estacionamento junto ao ginásio de esportes da universidade, praticam novos passos preparando-se para a competição estudantil em Pittsburgh, chamada Bhangra in the Burgh. Muitas

LIGANDO OS PONTOS:

SAN JOSÉ ●; BERKELEY ●; PITTSBURGH ●; NOVA YORK ●; LOS ANGELES ●; WASHINGTON ●

As maiores competições de bhangra nas faculdades dos EUA

- O **Bruin Bhangra** é promovido pela Universidade da Califórnia em Los Angeles e é uma das maiores competições da Costa Oeste dos EUA, sendo realizado durante três dias no segundo trimestre do ano.
- O **Dhol Di Awaz**, organizado pela Universidade da Califórnia em Berkeley, significa “os sons do tambor” e é realizado no quarto trimestre do ano.
- O **Bhangra in the Burgh** é promovido pela Universidade Carnegie Mellon em Pittsburgh e arrecada fundos para uma instituição beneficente local, ocorrendo no quarto trimestre do ano.
- O **Bhangra Blowout**, organizado pela Sociedade Sul-Asiática da Universidade George Washington em Washington, foi a primeira competição universitária de bhangra dos EUA e é realizado no segundo trimestre do ano.

vezes, ensinam uns aos outros novas coreografias — chutes, saltos e inclinações do corpo — por meio do estudo de vídeos de grupos universitários indianos.

Como resultado de sua dedicação, em 2012 o Cal Bhangra tornou-se o primeiro grupo sediado na Costa Oeste dos EUA a vencer o Bhangra Blowout, a mais antiga competição universitária dessa dança no país. Suas elaboradas coreografias de oito minutos caracterizam-se não só pelos pés rápidos, como também pela batida rítmica do tambor dhol e pelas roupas tradicionais em cores vibrantes. Os dançarinos também tocam instrumentos como o sapp, que se abre e fecha como um acordeão e imita o som de uma tempestade — um aceno às raízes do bhangra no Vaisakhi, a festa da colheita punjabi.

“É bom para que os estudantes possam compartilhar essa cultura uns com os outros”, afirmou Amita Achutuni, que ajudou a organizar o Bhangra Blowout com a Sociedade Sul-Asiática da Universidade George Washington durante quatro anos. Grupos como o Cal Bhangra também são receptivos a afro-americanos, caucasianos e filipinos.

Alcançando uma comunidade mais ampla, o bhangra desceu da torre de marfim e tornou-se mais aceito pelo grande público. O grupo Bhangra Empire, sediado no norte da Califórnia, fez uma apresentação na Casa Branca durante um jantar de Estado com o presidente Obama e o primeiro-ministro indiano Manmohan Singh, em 2009. O grupo também apareceu no popular reality show America’s Got Talent.

“Nossa missão sempre foi fazer com que o bhangra seja mais aceito e partilhar nossa cultura com pessoas que talvez não tenham contato com ela”, declarou a cofundadora Michelle Puneet Mirza, cujo pai é punjabi e a mãe, caucasiana.

Em Nova York, o grupo NYC Bhangra inclui aulas do tipo “mamãe e eu”, nas quais os estudantes mais jovens têm 2 anos de idade. Megha Kalia, que emigrou da Índia para os EUA quando adolescente, fundou o grupo. Ela espera que mais gente se interesse pelo bhangra. “Ainda que você tenha dois pés esquerdos, você pode dançar bhangra”, afirmou Megha. ■

A música do bhangra

Hoje em dia, a música tradicional do bhangra é muitas vezes misturada com o pop. Em 2001, a rapper Missy Elliott lançou seu hit contagiante Get Ur Freak On, com a batida do upbeat bhangra. A Red Baraat, uma banda etnicamente diversificada com projeção internacional, mistura funk, jazz, hip-hop e bhangra.

Os instrumentos tradicionais do bhangra incluem:



Dhol

um tambor de duas faces que sustenta a batida.

Algoz

(ou algoza): um par de instrumentos semelhantes a uma flauta.

Chimta

um bastão com sinos.

Tumbi

um instrumento com uma corda única.



©PANDORA/SHUTTERSTOCK.COM

WIKIMEDIA COMMONS

GaGai em Sidney, Austrália



Leia!

worldstartupreport.com



Volta ao mundo em 273 dias

ANDRZEJ ZWANIECKI



COURTESIA, BOWEI GAI

Na véspera do Ano-Novo de 2012, Bowei Gai, então com 28 anos, anunciou em seu blog que voaria de São Francisco para Nova Délhi. O voo seria o início de uma jornada extraordinária.

“Eu me pus a caminho apenas com a bagagem de mão e meu fiel laptop. Estava pronto, com P maiúsculo, para explorar o mundo das start-ups”, disse. De Nova Délhi, sua jornada o levou a 34 cidades de 29 países e terminou nove meses depois em Cingapura.

Antes da viagem, Gai tinha trabalhado em grandes empresas de alta tecnologia, incluindo a Apple Inc., onde um gerente lhe dissera para “ir mudar o mundo”. Logo depois, foi cofundador de duas start-ups de tecnologia, sendo que a segunda delas — a CardMunch — ele vendeu para a LinkedIn Corporation em 2011.

Gai jamais esqueceu o conselho do gerente e, com o dinheiro da venda da CardMunch, decidiu conhecer start-ups de alta tecnologia no mundo inteiro e conectá-las umas com as outras e com possíveis investidores. Ele queria sentir a temperatura da “febre empreendedora” em cada lugar e descobrir como as novas empresas de risco lidam com desafios em seus respectivos ambientes.

Ansioso para compartilhar o que aprendeu após concluir sua jornada, apresentou recentemente suas conclusões no Departamento de Estado em Washington. “Podemos nos ajudar mutuamente, e isso criará uma melhor comunidade mundial de start-ups”, disse Gai.

Aventura das start-ups

Uma viagem à China em 2011 desencadeou a ideia do seu plano de mudar o mundo (nascido na China, Gai mudou-se com os pais para os EUA aos 12 anos de idade). Após conversar com dezenas de empreendedores e investidores chineses, produziu um relatório com apresentação de slides sobre as lutas e os sucessos das start-ups locais. Essa apresentação logo se tornou um sucesso on-line.

Com sua viagem mundial, Gai quis expandir essa experiência. Seu método de pesquisa itinerante foi recebido com entusiasmo pelas comunidades de start-ups locais de todos os lugares. Ele conversou com empreendedores, investidores, formuladores de políticas e até pessoas comuns como taxistas para sentir o ambiente de negócios, a infraestrutura da tecnologia e os polos de talentos dos diversos locais pelos quais passou. Gai recrutou um empreendedor local em cada país e o tornou embaixador para promover o Relatório Mundial das Start-ups — como chamou seu projeto — para sua própria comunidade de start-ups e para servir como central de informações.

Conectado como estava — equipado com iPhone, laptop Mac, mini iPad e óculos inteligentes Google Glass — Gai disse que aprendeu da maneira difícil o que os empreendedores de países menos desenvolvidos enfrentam no dia a dia. Em Nova Délhi, pagou preços exagerados a taxistas e gerentes de hotel. Em outros países, suas acomodações variaram de quartos de hotel miseráveis a um sofá na sala de estar de um desconhecido ou um espaço sob uma escrivaninha de escritório. “Tudo que você pode imaginar”, disse ele. No entanto, aproveitou as habilidades empreendedoras dos locais. Uma mulher que encontrou por acaso na Índia utilizou seus conhecimentos para planejar o restante de sua viagem, por exemplo. Inúmeros voluntários locais o ajudaram a organizar reuniões.

Gai pretende publicar relatórios on-line gratuitos sobre cada país que visitou. Para que isso ocorra com um orçamento apertado, ele partiu para as Filipinas, onde pode contar com boa infraestrutura tecnológica e talentos locais.

Segundo ele, seu projeto confirma o poder do empreendedorismo. “As pessoas que encontrei e a paixão delas pelo que fazem, na maioria das vezes em situação de grande adversidade, são igualmente motivadoras e inspiradoras de humildade”, disse. ■

O mundo sem fronteiras do empreendedorismo de Gai

■ **Comece em qualquer lugar.**

No Nepal, onde o fornecimento de energia elétrica está limitado a 12-16 horas por dia, uma empresa de desenvolvimento de softwares com quatro anos de vida emprega cem pessoas. Até adquiriu uma empresa startup sediada no Vale do Silício, na Califórnia.

■ **Ganhe seu próprio capital.**

Na maioria dos países, é difícil levantar capital para iniciar uma empresa. Muitos empreendedores começam a economizar dinheiro para seus empreendimentos dando consultoria.

■ **Vá contra a tradição.**

Na maioria dos países, é difícil levantar capital para lançar uma empresa. Muitos empreendedores começam economizando dinheiro para sua empresa de risco fazendo trabalhos de consultoria.

■ **Encontre soluções engenhosas.**

Na Coreia do Sul, obter um bom trabalho em uma grande empresa é mais apreciado pelas famílias do que abrir uma empresa. Na Índia, os empreendedores podem não ser considerados bons partidos.

■ **Faça do céu o limite.**

Em uma reunião de que Gai participou em Israel, cerca de 70% dos empreendedores disseram acreditar que podiam construir uma empresa bilionária. “Com tanta ambição, energia e otimismo”, disse Gai, “alguns deles podem estar certos.”

■ **Ajude o próximo cara.**

O programa Start-Up Chile, um acelerador de negócios aberto a empreendedores de todos os países, mede seu sucesso não apenas pelo número de start-ups que fomenta, mas também pelo tempo investido na promoção do empreendedorismo local.

■ **Fique no seu lugar.**

A internet e o acesso sem fio nivelam o campo de jogo dos empreendedores peritos em tecnologia no mundo inteiro. “O próximo Facebook pode não vir do Vale do Silício”, disse Gai.



ESPECIAL

Poder feminino

As mulheres estão dominando
novos espaços.



Em cima: mulheres participam de manifestação a favor do direito ao voto em 1915
Em baixo: a líder democrata Nancy Pelosi com mulheres da Câmara em 2013



Coragem por trás das lentes

SASHA INGBER

Quando Lynsey Addario tinha 2 anos, empoleirou-se nos ombros do pai na piscina da família em Westport, Connecticut. Ela não sabia nadar, e ele não queria que ela caísse na água. De repente, ele sentiu as pernas da filha se mexendo atrás do seu pescoço e quando viu ela mergulhou

Hoje com 40 anos, Lynsey — filha de cabeleireiros — continua destemida ao fotografar pessoas em cenários que variam de zonas de combate a lares de família. Percorrendo o mundo como poucas fotojornalistas o fazem, a fotógrafa freelance, que tem pouco mais de 1,5 metro, já foi mantida sob a mira de uma arma por oito horas e em cativeiro por seis dias. Quebrou a clavícula em um acidente de carro e ainda assim dançou no seu casamento sete semanas depois. “O medo faz parte do trabalho”, disse Lynsey, “mas a câmera ajuda a superá-lo”.

Sua primeira câmera foi uma velha Nikon FG que seu pai lhe deu quando tinha 13 anos. Tinha sido presente de um de seus clientes no salão de cabeleireiro. Brincando com a velocidade do obturador e a luz, ela ficou fascinada com a capacidade da câmera de capturar momentos. Leu livros de fotografia e visitou cemitérios e jardins tranquilos para tirar fotos. “Eu era muito tímida para fotografar pessoas”, disse.

Muito antes de trabalhar para o *New York Times* e a revista *National Geographic*, ser bolsista “Gênio” da Fundação MacArthur ou ganhar o Prêmio Pulitzer, Lynsey recebeu sua primeira tarefa do Buenos Aires Herald: fotografar Madonna durante a filmagem do musical

Evita. Ela tinha 23 anos e nenhum treinamento profissional na época. Contando apenas com seu bacharelado em Relações Internacionais, junto com um pouco de artes cênicas, Lynsey rumou para o set.

Ela vem de uma longa linhagem de mulheres corajosas. Sua avó, hoje com 96 anos, chegou à Ilha Ellis nos Estados Unidos vinda do sul da Itália sem nada e encontrou trabalho em uma fazenda e depois em uma fábrica. Sua outra avó, hoje com 100 anos, foi abandonada pelo marido e criou cinco filhos como costureira. Lynsey e suas três irmãs mais velhas foram criadas para olhar além dos obstáculos. “A dúvida não era ‘Posso fazer isso?’ mas ‘Como posso fazer isso?’”, disse.

Aos 26 anos, Lynsey havia economizado e emprestado dinheiro de uma das irmãs para poder viajar ao Oriente Médio com sua câmera. Desde então, viajou para mais de 15 países, registrando cenas de guerra e também da vida civil — de viúvas no ostracismo na Índia a alunas entusiasmadas no Afeganistão e vítimas de agressão sexual na República Democrática do Congo.

Como seu trabalho exige que ela seja forte o suficiente para subir montanhas, atravessar rios e aguentar horas com equipamento pesado, ela corre e levanta pesos todos os dias. Seu trabalho exige um coração forte, em todos os sentidos, em especial quando cobre assuntos ligados às mulheres. Às vezes, ao fotografar, as lágrimas embaçam sua visão. Ao documentar o tratamento do câncer de mama no mundo em desenvolvimento, bem como a devastação que a doença pode causar às vítimas e a seus familiares, Lynsey viu uma menininha aproximar-se do caixão da mãe e gritar por ela em confusão e desespero.

“Chorei tanto que estraguei a foto”, disse a fotógrafa. “Ficou completamente fora de foco. Vejo pessoas morrer na minha frente o tempo todo; às vezes consigo ser forte, outras vezes, não.”

Em 2010 e 2012, Lynsey filmou a mortalidade materna em Serra Leoa, onde 1 em cada 23 mulheres morre no parto. Quando o governo nacional e a organização humanitária internacional Médicos sem Fronteiras começaram a fornecer atendimento médico e serviços emergenciais gratuitos para mulheres grávidas, a taxa de mortalidade no distrito Bo caiu 60%. O vídeo de Lynsey foi usado para arrecadar centenas de milhares de dólares para o atendimento materno. (E como resultado do trabalho de Lynsey sobre o câncer de mama, a tia

da menininha detectou um caroço no seio que foi removido com segurança.)

A compaixão impele Lynsey a capturar pequenos momentos íntimos em pixels. “Eu me importo com as pessoas que fotografo”, afirmou. “O que acontece em um momento rotineiro às vezes mostra muita coisa.”

Segundo ela, o fato de ser mulher possibilitou ir além das linhas de frente e chegar à casa das pessoas. Ela leva uma fotografia do filho de 22 meses no passaporte e mostra fotos do marido e do filho para as pessoas que fotografa. É uma maneira de se conectar com elas e uma lembrança de sua própria casa. ■

As páginas seguintes trazem fotos de Lynsey Addario.

“É uma honra enorme fazer este trabalho todos os dias. Não acredito que sou paga para estar com as pessoas mais fortes do mundo.”

- LYNSEY ADDARIO

A fotojornalista
Lynsey Addario,
baseada em Londres



Mulher volta para casa depois de tratamento no Centro de Referência Gondama, onde médicos prestam assistência em partos e tratamento pós-natal, em Bo, Serra Leoa





Familiares velam o corpo de Mamma Sessay, que morreu durante o parto em Serra Leoa



Crianças divertem-se na piscina do palácio do ex-líder iraquiano Saddam Hussein



Mulheres sauditas olham para Riad no Centro Kingdom, o edifício mais alto da Arábia Saudita



Viúva canta durante cântico da tarde em um ashram em Uttar Pradesh, Índia



Uma piloto de motocross na Corrida pela Cura em Anza, Califórnia



Sobrevivendo pelo esporte

TIM NEVILLE

Certo dia de outubro passado, perto de Anza, Califórnia, um estrondo rouco cortou os ares quando dez moças atletas giraram o punho acelerador de suas motos que arrancaram estridentes por uma pista de terra. As pilotos sumiam rapidamente nas curvas, disparavam como flechas nas retas e pulavam obstáculos tão altos que voavam a 27 metros no ar, quatro andares do chão.

“Quando digo voavam, não estou exagerando”, disse Laurie Cary, organizadora da corrida. “Essas mulheres são profissionais e de fato apresentam um belo espetáculo.”

O espetáculo nesse caso foi a sétima Corrida de Motocross pela Causa, evento de alta octanagem realizado anualmente com uma missão nobre. Todos os anos, centenas de milhares de pessoas são diagnosticadas com câncer de mama — o tipo mais comum de câncer que afeta as mulheres, segundo os Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA. O evento organizado por Cary já levantou mais de US\$ 150 mil para ajudar mulheres a fazer mamografia, consultar médicos e aprender a passar por essa experiência tão ameaçadora.

Naquele dia de outubro as pilotos podiam estar usando ridículos tutus cor-de-rosa e sutiãs espalhafatosos pelo lado de fora da roupa de corrida, mas algumas delas estavam se recuperando de tratamentos complicados e outras faziam uma homenagem a entes queridos que perderam a vida para o câncer.

Milhares de mulheres atletas e aventureiras em todos os Estados Unidos — e no mundo — têm criado seus próprios grupos e eventos para apoiar pesquisas sobre câncer de mama ou para ajudar as vítimas a encontrar apoio e confiança por meio de esportes ao ar livre com alta adrenalina. A fórmula varia de grupo para grupo, mas a ideia é sempre a mesma: reunir pessoas em torno de uma causa e dar a elas algo novo e empolgante para fazer.

“Quando fui diagnosticada com câncer de mama, achei que meu corpo havia me traído”, desabafou Doris Parker, uma das três fundadoras do WeCanRow DC, clube com sede em Washington que reúne sobreviventes de câncer de mama para ter aulas de remo no Rio Potomac. “Remar foi a maneira que encontrei para acreditar novamente no meu corpo, para sair de casa e me mexer. É também um esporte de equipe, portanto, remar é como um grupo de apoio na água. Estamos todos no mesmo barco, literalmente.”

De acordo com Doris Parker, um número cada vez maior de pesquisas mostra que fazer exercícios pode ajudar a reconstituir tecidos cortados ou danificados durante os tratamentos de câncer de mama. Alguns movimentos recomendados por fisioterapeutas para estimular a recuperação são semelhantes aos movimentos suaves e rítmicos usados para arremessar uma vara com isca na pesca com mosca. Por essa razão, um cirurgião

Skim board pela vida

Os grupos de esportes ao ar livre que adotaram a causa do câncer de mama não são exclusivamente de mulheres. Em 2010, cerca de 2 mil homens morreram da doença. Muitos homens também arrecadam fundos para pesquisa ou para ajudar os sobreviventes. Por exemplo, Carey Seyler, de 22 anos, arrecadou US\$ 30 mil para a The Rose, organização sem fins lucrativos dedicada ao tratamento do câncer de mama, em Houston. Ele faz isso por meio de competições de *skim board*, em que os competidores correm e depois pulam sobre pranchas de surf finas e sem quilha, conhecidas como *skim boards*, que deslizam sobre faixas de água tão rasas que por vezes não chegam a mais que 2,5 centímetros de profundidade. Os competidores são julgados pelas manobras que conseguem fazer ao estilo de um skatista.

“Adoramos *skim board*, por isso organizamos competições”, disse Carey, cuja mãe morreu de câncer de mama quando ele tinha 9 anos.

O mais legal? Todos os eventos da entidade sem fins lucrativos Skim 2 Live são organizados por adolescentes ainda no ensino médio.



©CAMERON HAGEN PHOTOGRAPHY

de reconstrução de mama lançou em 1996 o Casting for Recovery (Pescaria para a Recuperação), programa de pesca com mosca para sobreviventes de câncer de mama. Os benefícios também são mentais, explicou Whitney Milhoan, diretora do grupo.

“Só ser lembrada de que é preciso ter paciência e se concentrar no momento, como na pesca, é parte importante da recuperação”, disse ela.

No fim de semana do evento, os participantes aprendem sobre o ciclo de vida do inseto, o modo correto e errado de colocar a isca no anzol e, por fim, como arremessar a vara com o anzol na esperança de pegar uma truta de Clark (*Oncorhynchus clarki*) em um riacho em Montana ou um *smallmouth bass* (*Micropteros dolomieu*) em uma lagoa no Texas.

No ano passado, mais de 600 mulheres participaram de acampamentos em 32 estados. Nenhuma delas jamais tinha usado uma vara de pesca antes, contou Whitney. A pesca com mosca costuma ser um esporte masculino, e muitas mulheres americanas ainda não o conhecem. “Queremos que sejam dadas às mulheres oportunidades de se desafiarem em um ambiente seguro ao ar livre”, disse Whitney Milhoan. “É uma nova alternativa que lhes dá um sentimento de comunidade.” ■

LIGANDO OS PONTOS: ANZA ●; WASHINGTON ●; HOUSTON ●



A médica Samia Al-Amoudi, sobrevivente de câncer de mama

FOTO: CORTESIA

Com a boca no mundo

A coragem de pacientes com câncer de mama para eliminar barreiras vai muito além do universo dos esportes. Na Arábia Saudita, a dra. Samia Al-Amoudi foi diagnosticada com câncer de mama em 2006. “O câncer de mama é considerado um tabu”, disse ela sobre a cultura saudita em entrevista gravada em 2011 para a Iniciativa Global de Saúde da Mama, com sede em Seattle. “Os sobreviventes não são conhecidos porque ninguém fala sobre isso.”

Mas ela falou. Samia Al-Amoudi é fundadora e atualmente diretora executiva do Centro de Excelência em Câncer de Mama Xeiq Muhammad H. Al-Amoudi, em Jidá, entidade que aumentou significativamente o atendimento e o apoio às vítimas de câncer de mama em seu país extremamente carente. Em março de 2007, o Departamento de Estado dos EUA concedeu-lhe o primeiro Prêmio Internacional Mulheres de Coragem por conscientizar a população da Arábia Saudita e do Oriente Médio sobre a doença.

“Como sou médica e ao mesmo tempo paciente, senti que tinha responsabilidade e obrigação de quebrar o silêncio”, declarou. “Não queria ver nenhuma mulher sofrer como eu sofri.”



©DOUGLAS GRAHAM/IC-POLL-CALL-GROUP/GETTY IMAGES

Rebatendo o câncer de mama

SUSAN MILLIGAN

As parlamentares do Congresso dos EUA nem sempre concordam em questões de políticas públicas, mas quando se trata de ajudar pessoas diagnosticadas com câncer de mama, todas as mulheres estão no mesmo time.

Desde 2009, todos os anos, no verão, as mulheres da Câmara dos Deputados e do Senado — democratas e republicanas — jogam uma partida de softbol contra um time feminino da imprensa. As receitas das vendas de ingressos vão para a Coalizão de Jovens Sobreviventes, que apoia pacientes com câncer de mama. Lançado

pela deputada Debbie Wasserman Schultz, ela mesma uma sobrevivente de câncer de mama, o jogo não só levanta fundos para caridade, mas ajuda as parlamentares a se conhecerem mais intimamente. Mulheres dos dois partidos disseram que a iniciativa estimulou o trabalho mais cooperativo entre elas no Congresso.

“É um desses eventos que não realizamos o suficiente aqui, e é por uma boa causa”, disse a senadora Jeanne Shaheen, democrata de New Hampshire, único estado da nação com uma delegação parlamentar exclusivamente de mulheres. De acordo com a deputada Shelley Moore Capito, republicana da Virgínia Ocidental, jogar no mesmo time “constrói

relacionamentos que todos nós sabemos estão em falta” no Capitólio.

E elas são competidoras dedicadas. Começam a treinar no início da primavera: treinos duas vezes por semana que começam às 7 horas da manhã e passam para três vezes por semana ao se aproximar o dia do jogo. Algumas jogadoras chegam mais cedo para correr em volta do campo. Elas têm técnicos e treinam defesas e rebatidas.

Em 2013, as parlamentares estavam ganhando até a sexta entrada (*inning*), mas o time da imprensa conseguiu fazer várias corridas (*runs*) e venceu o jogo por 11 a 8.

Mas a dedicação valeu a pena de um modo mais importante: em apenas algumas horas, elas tinham arrecadado US\$ 125 mil para a Coalizão de Jovens Sobreviventes.



A deputada dos EUA Joyce Beatty pratica seu swingue para o jogo de softbol das mulheres parlamentares em Washington

Poder para as mulheres

Susan Dabaja, advogada líbano-americana e mãe de três filhos, nunca tinha concorrido a um cargo público, mas queria levar mais empregos e serviços públicos de qualidade para sua comunidade na cidade de Dearborn, no Michigan. Então, concorreu para a Câmara Municipal, sem saber se conquistaria uma das sete cadeiras, tornando-se a única mulher da Câmara Municipal.

Ela não apenas ganhou, como teve mais votos do que todos os outros candidatos e tornou-se a primeira presidente árabe-americana da Câmara Municipal de Dearborn.

Susan, cujos pais emigraram do Líbano no final dos anos 1970, creditou a vitória ao antigo estilo de campanha porta a porta, ao apoio do marido e a Mallak Beydoun, outra líbano-americana muito trabalhadora, que conduziu sua campanha. “A maioria das pessoas que participou como voluntário na minha campanha também era do sexo feminino, e foi emocionante ter mulheres na faixa dos 30, 40 e 50 anos, que emigraram do Líbano e estavam animadas por participar do processo democrático aqui nos EUA”, afirmou Susan.

A eleição de Susan Dabaja foi uma dentre muitas estreias das mulheres na política americana. Elas detêm o recorde de 20 das 100 cadeiras do Senado dos EUA, 78 das 435 cadeiras da Câmara dos Deputados dos EUA e mais de 2 mil cargos como governadoras, deputadas estaduais e prefeitas.

Aproveitando o voto feminino

As mulheres conquistaram o direito ao voto em alguns estados americanos no século 19, mas o sufrágio pleno só lhes foi estendido em 1920, por meio de uma emenda à Constituição dos EUA.

As eleitoras têm uma enorme influência sobre as eleições, quer os candidatos sejam do sexo masculino ou feminino. Segundo Debbie Walsh, diretora do Centro de Política e das Mulheres Americanas da Universidade Rutgers, na cidade de New Brunswick, em Nova Jersey, as mulheres não necessariamente votam todas da mesma forma, mas os candidatos prestam atenção nos diversos interesses das eleitoras. Por quê? Mais mulheres que homens votaram em cada uma das eleições presidenciais desde 1964.

LIGANDO OS PONTOS: DEARBORN ●; NEW BRUNSWICK ●

Equilibrando política e gênero

Ainda hoje, os dois maiores partidos políticos estão tentando colocar mais mulheres em cargos eletivos. De acordo com Marcy Stech, da Emily’s List, organização que recruta e ajuda mulheres democratas a concorrer a cargos públicos, o problema não é que as pessoas não votem em uma mulher, e sim que muitas mulheres qualificadas precisam ser convencidas de que estão aptas para servir ao país (Emily é acrônimo de *early money is like yeast* – capital inicial é como fermento –, uma obviedade frequentemente utilizada em referência à captação de recursos para candidatos políticos). “O que percebemos é que, quando as mulheres concorrem, elas ganham. Mas elas precisam ser convidadas.” Muitas também precisam ter a certeza de que poderão ter tanto uma vida política quanto uma vida familiar.

A deputada Debbie Wasserman Schultz, parlamentar da Flórida e primeira mulher a chefiar o Comitê Nacional Democrata, autointitulou-se “conselheira de mães em recrutamento”, explicando o que é necessário para montar uma campanha e concorrer. “A mulher tem de ter certeza de que seu companheiro ou cônjuge a apoia. Tem, também, de conciliar uma dificuldade dupla: como garantir que meus filhos tenham suas necessidades atendidas e quem vai assumir o esquema de caronas?”, pergunta ela, que é mãe de três filhos. “Esse é um assunto sobre o qual as mulheres têm de conversar.”

Os republicanos têm seu próprio programa, chamado Projeto Grow (acrônimo de *growing republican opportunities for women* – fomentando oportunidades republicanas para mulheres), para recrutar mais mulheres e fazê-las concorrer a cargos públicos. Além de ajudar as possíveis candidatas com a mecânica de uma campanha (incluindo a arrecadação de fundos para concorrer), o Projeto Grow oferece mentores às novas candidatas, declarou Andrea Bozek, porta-voz da Comissão Parlamentar Republicana Nacional.

Ser mulher pode ser um verdadeiro diferencial, segundo Rae Chornenky, presidente da Federação Nacional das Mulheres Republicanas. “Temos bases sólidas para considerar que as mulheres têm uma capacidade maior de resposta às necessidades dos cidadãos.”

A eleição de uma mulher pode ter grande impacto nas gerações mais jovens. Noel, 10 anos, filha de Susan Dabaja, abordou Mallak Beydoun após a vitória da mãe, pedindo-lhe que fosse gerente da sua própria campanha.

Ela planeja concorrer à Câmara Municipal quando crescer. ■

–S.M.

MULHERES NA POLÍTICA: LINHA DO TEMPO



O sufrágio feminino começou como um movimento antiescravagista, sob a liderança de **Elizabeth Cady Stanton** e **Susan B. Anthony**. As mulheres conquistaram o direito ao voto em 1920.



Jeannette Rankin foi a primeira mulher eleita para o Congresso. Representando o estado de Montana, após sua vitória em 1916, afirmou: “Posso ser a primeira mulher parlamentar, mas não serei a última”.



Frances Perkins, secretária do Trabalho durante o governo do presidente Franklin Delano Roosevelt, foi a primeira mulher a integrar o secretariado do governo federal. Foi também uma peça fundamental na elaboração da legislação do New Deal, ao incluir leis que estabeleceram o salário mínimo.



Margaret Chase Smith, republicana do estado do Maine e primeira mulher a atuar tanto na Câmara quanto no Senado, ficou famosa por seu discurso “Declaração de Consciência”, dirigido contra os ataques pessoais do senador Joe McCarthy.



FAZER CAMPAÑA

Susan Dabaja tornou-se a primeira presidente árabe-americana da Câmara Municipal de Dearborn, em 2013

ARRECADE DINHEIRO

Wasserman Schultz recomenda que as mulheres comecem abordando a lista de convidados de seu casamento.

REÚNA UMA EQUIPE

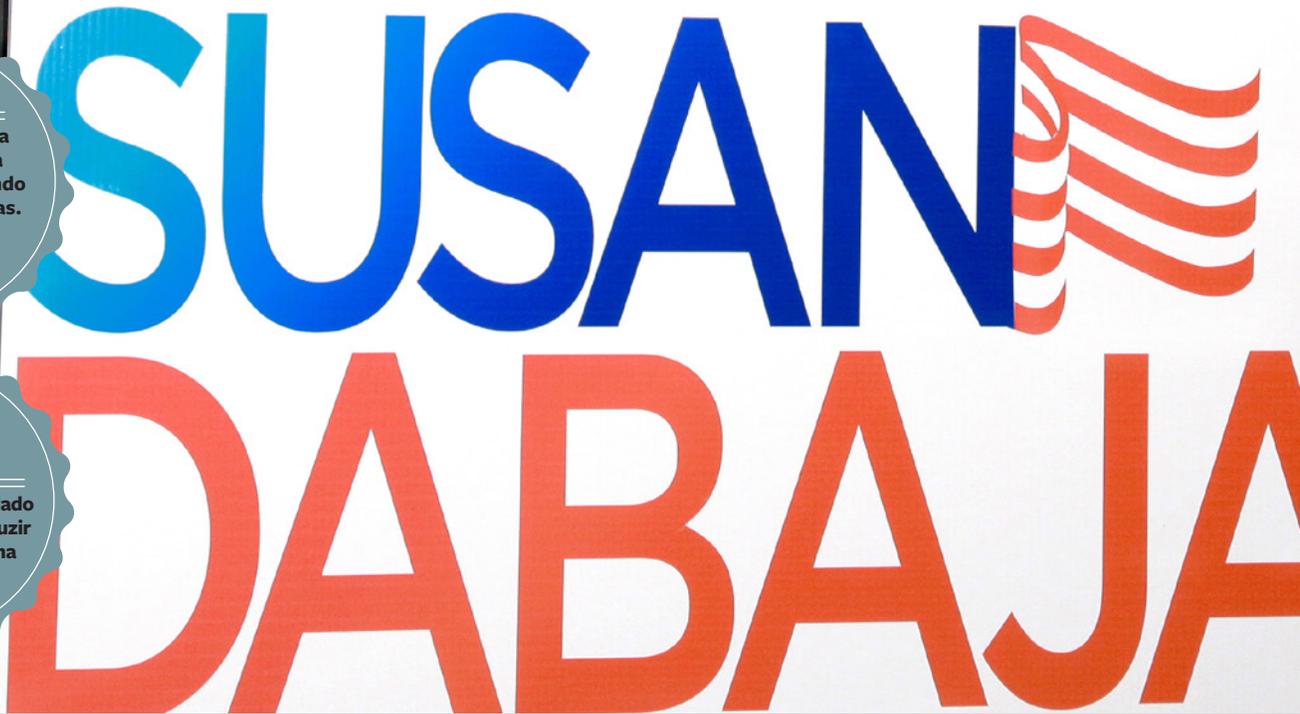
Candidatas precisam de um gerente de campanha e de voluntários para atrair os eleitores ou bater em suas portas.

EXPLIQUE

A própria candidata precisa redigir sua plataforma, explicando suas posições e ideias.

DISTRIBUA MATERIAL DE CAMPANHA

Use o dinheiro arrecadado pela equipe para produzir material de campanha e investir em propaganda.



©BILL CHAPMAN PHOTOGRAPHY



Shirley Chisholm foi a primeira mulher negra candidata a presidente por um grande partido. “Meu maior trunfo político, temido pelos políticos profissionais, é a minha boca, de onde sai todo tipo de coisas que nem sempre devem ser discutidas por razões de conveniência política”, declarou.



Geraldine Ferraro foi a primeira mulher a ser indicada para o cargo de vice-presidente numa chapa principal. “Se podemos fazer isso, podemos fazer qualquer coisa”, declarou em 1984 na Convenção Nacional Democrata em São Francisco.



Sarah Palin foi a primeira mulher republicana candidata à vice-presidência, em 2008. Descrevendo-se como uma “mãe que acompanha os filhos nos jogos de hóquei”, Sarah, que cresceu no Alasca, também sabia caçar e limpar as entranhas de um alce.



Hillary Rodham Clinton passou de primeira-dama a candidata, recebendo 18 milhões de votos na disputa em que perdeu a indicação para ser a candidata presidencial democrata. O “teto de vidro” discriminatório que afasta as mulheres dos altos cargos públicos recebeu “cerca de 18 milhões de rachaduras”, afirmou em 2008.

©AP IMAGES



Uma *Lasioglossum* verde metálico, ou abelha doce, do grupo *Dialictus*

Mistérios das abelhas



Na América do Norte existem 400 espécies de abelha sem nome.

“Sabemos tão pouco sobre elas, e no entanto dependemos delas incrivelmente”, disse Sam Droege, chefe do Laboratório de Inventário e Monitoramento de Abelhas do Serviço Geológico dos EUA.

Mesmo a bem conhecida abelha melífera enganou os cientistas em 2006, quando os apicultores começaram a encontrar as colmeias vazias, exceto uma solitária rainha. Ninguém sabia por que as abelhas estavam viajando para polinizar plantações sem voltar. Os cientistas chamaram o fenômeno de distúrbio do colapso das colônias.

Polinizadores zumbidores, que se nutrem de pólen, transportam grãos ao se mover de flor em flor. Seu trabalho atarefado está por trás de uma em cada três mordidas nos alimentos que comemos — principalmente frutas, legumes e nozes. Mas a perda recorde de abelhas melíferas nos EUA — a principal espécie usada comercialmente para polinizar plantações — chegou a 45,1% no primeiro trimestre do ano, pondo em risco a produtividade agrícola dos EUA.

Essa vulnerabilidade ocorre em todo o planeta, não apenas porque as Américas do Sul e Central e a Europa igualmente relataram declínios nas populações de abelhas melíferas, mas também porque muitos países dependem dos polinizadores para produzir safras.

As abelhas melíferas não são a única espécie de abelhas ameaçada nos EUA. Droege acredita que algumas populações de mamangaba entraram em colapso porque os cientistas as encontram com menor frequência hoje em dia. Outras espécies, como a *Macropis* coletora de óleo, que outrora eram vistas com regularidade, agora quase não são encontradas.

Ninguém pode ser considerado o único culpado, disse Barbara DeRosa-Joynt, chefe de Biodiversidade do Bureau de Oceanos e Assuntos Ambientais e Científicos Internacionais do Departamento de Estado dos EUA. Uma grande quantidade de variáveis contribui para o declínio das abelhas melíferas, desde novas doenças introduzidas quando abelhas exóticas foram trazidas para os EUA até o uso excessivo de pesticidas (que podem atingir o pico após dois anos da aplicação), além de parasitas, fungicidas, secas e ventos.

Outro fator que ameaça as abelhas americanas é a perda de habitat. “Os maiores ‘criminosos’ podem ser os donos de casa”, disse Barbara DeRosa-Joynt. Aproximadamente 60% das abelhas é especializada na polinização de determinadas plantas. Toda vez que um jardineiro amador arranca uma planta nativa para dar lugar a uma planta exótica, uma abelha perde uma possível fonte de alimentação. Ao multiplicar essas perdas pelos bairros, cidades e metrópoles, os polinizadores começam a morrer de fome. “Sempre que ‘plantamos’ casas, ‘habitats residenciais’ por assim dizer, eliminamos as casas delas”, disse Droege.

Nenhum estudo atual monitora o que está acontecendo com as abelhas selvagens. Na realidade, como 400 espécies não têm nome — ao passo que outras ostentam dois, porque os taxonomistas confundiram as diferenças visuais entre machos e fêmeas — estudos ecológicos não têm por onde começar.

Droege está trabalhando para mudar isso. Ele começou a recolher abelhas em 1998, e a equipe do seu laboratório já identificou em torno de 275 mil espécimes. Eles iniciaram o Levantamento das Abelhas Nativas da América do Norte no fim de 2013 e início de 2014 e acreditam que serão necessários dez anos de pesquisa para entender as mudanças nas populações das abelhas selvagens.

Como forma de identificar abelhas, a equipe passou a fotografar os espécimes com lente macro. Até 300 imagens são combinadas para criar uma única foto. Cada veia da asa iridescente da abelha, juntamente com suas protuberâncias e pelos, torna-se visível ao olho humano.

Para Droege, parte da emoção é o fato de ele poder fazer descobertas em seu próprio quintal, seja primavera, verão ou outono. “Há uma aventura nisso”, disse ele. “Como se chama esse inseto? Você está em um lugar em que qualquer coisa que escreve se torna uma grande contribuição.” ■

—S.I.

CO MO atrair os próprios polinizadores

Você não precisa de um campo de flores para atrair polinizadores como abelhas, borboletas e pássaros. “Você pode fazer um prado de flores silvestres em um vaso com três plantas nativas principais”, disse Barbara DeRosa-Joynt. Na verdade, muitos bairros e cidades atraem um leque mais diversificado de polinizadores que as zonas rurais.

Quer você tenha um quintal ou uma jardineira, fique longe de produtos químicos como pesticidas e fungicidas que matam insetos. Cultive plantas que florescem do início da primavera ao fim do outono. Compre plantas nativas em vez de equivalentes exóticos. E lembre que um jardim não é apenas um lugar bonito e perfumado, mas uma comunidade para minúsculos organismos vivos.



©ANAAA>NNA|ANAAA|STOCK/THINSTOCK

PLANTAS NATIVAS

- Prontamente disponíveis
- Adequadas ao clima
- Os insetos evoluíram com as plantas e podem se alimentar delas

PLANTAS EXÓTICAS

- Trazidas de longe
- Potencialmente invasivas
- Não comestíveis para os insetos, mesmo que os rótulos digam “sem pesticida”





LABORATÓRIO DE INVENTÁRIO E
MONITORAMENTO DE ABELHAS DO SERVIÇO
GEOLOGICO DOS EUA / SAM DROEGE

Sabemos tão pouco sobre elas, e no entanto dependemos delas incrivelmente.”

-SAM DROEGE



Sam Droege cuida do seu jardim

SASHA INGBER

Sala de aula 2.0

MARK TRAINER



A “sala de aula invertida” do Kepler promove palestras on-line e usa o tempo em sala de aula para o aprendizado ativo



Em setembro de 2013, **um programa educacional pouco comum em Ruanda** deu as boas-vindas à sua primeira turma de alunos. Caso o programa tenha sucesso, os desenvolvedores acreditam que poderá se tornar um novo modelo educacional para estudantes do mundo todo.

O Kepler, um programa educacional na capital, Kigali, iniciado pela organização americana sem fins lucrativos Geração Ruanda, tenta combinar a conexão pessoal da sala de aula tradicional com o alcance dos cursos abertos on-line em massa (Moocs).

Como muitos países do mundo em desenvolvimento, Ruanda tem universidades inacessíveis à maioria dos cidadãos. Os custos da anuidade estão muito acima da média da renda anual, assim, apenas 6% dos ruandeses em idade de cursar universidades podem se beneficiar do ensino superior.

Durante a última década, a Geração Ruanda ajudou os ruandeses a frequentar a universidade, fornecendo anuidade, moradia, dinheiro para o dia a dia e programas de ensino suplementar. Atualmente, a organização sem fins lucrativos gaba-se de ter uma taxa de emprego de 97% para seus graduandos. O Kepler é o próximo passo para proporcionar ensino superior a mais ruandeses e, segundo espera a organização, a pessoas em outras nações em desenvolvimento no mundo todo.

No momento, o Kepler está concentrando seus esforços nos 50 estudantes que trabalham com notebooks em uma escola com uma única sala de aula em Kigali. São classes-piloto, escolhidas entre 2.696 candidatos, que trabalharão a princípio com o objetivo de conseguir um diploma de curso superior de curta duração pela Faculdade da Universidade do Sul de New Hampshire para programa americano e depois obter um diploma de bacharel.

Os estudantes recebem aulas mediante cursos on-line selecionados entre universidades do mundo todo e também ao vivo ministradas por uma equipe

de professores — cinco de Ruanda, dois dos EUA e um da Jamaica. Chrystina Russell, diretora acadêmica do Kepler, descreve o programa como um “modelo de ensino invertido” no qual o ensino em sala de aula e as discussões ocorrem após os alunos terem completado os componentes on-line.

Os professores ruandeses (dois dos quais são ex-acadêmicos da Geração Ruanda) serão parte essencial do sucesso da sala de aula, disse Carolyn Tarr, uma das professoras americanas. “Eles têm uma compreensão bem melhor do que significa uma escola de ensino médio para esses estudantes”, ela disse, “uma compreensão bem melhor das falhas de aprendizado trazidas pelos alunos e uma compreensão cultural bem melhor do que é apropriado, em contraposição com o que poderíamos considerar apropriado em uma universidade americana”.

A equipe do Kepler enfatiza a natureza experimental do programa-piloto. Os primeiros meses do programa demonstraram que os 50 estudantes, que recebem notebooks com modem incluído, não são os únicos que estão aprendendo. “As conexões de internet em Ruanda podem ser difíceis”, disse Chrystina. A equipe colocou o conteúdo dos Moocs em pen drives e fez os alunos passarem os Moocs para seus computadores. “Os Moocs vêm da internet, mas, na verdade, eles não estão assistindo os cursos na internet”, explicou.

Carolyn Tarr acha que o programa Kepler pode se tornar um modelo para a educação no mundo em desenvolvimento: “Há um número inimaginável de coisas feitas por nós que poderiam ser reproduzidas quase da mesma forma ou aproveitadas e modificadas para o contexto cultural em que se encontram.” Por agora, ela está empenhada em ajudar os alunos a obter seus diplomas.

“Quero ver este grupo de alunos se formar”, disse Carolyn. Ela suspeita que quando obtiverem seus diplomas, muitos deles terão provado que são mais inteligentes do que ela. ▣

Salvando os tesouros do mundo

Desde a sua criação há 13 anos, o Fundo de Embaixadores dos EUA para a Preservação Cultural contribuiu com milhões de dólares para preservar sítios e objetos culturais e formas tradicionais de expressão em todo o mundo.

Os projetos incluem a restauração de edificações, a conservação de manuscritos, a proteção de sítios arqueológicos e a documentação de artes em extinção. Os sítios e objetos preservados são testemunhos das experiências da humanidade. –L.M.

Explore!

Saiba mais sobre o livro **Priceless do Fundo de Embaixadores dos EUA.**

<http://goo.gl/Fvqy6l>



O Aqueduto do Padre Tembleque, no **México** será apresentado na edição do próximo mês da **EJ|USA**.



Jordânia

Visto aqui está o Tesouro em Petra, cidade-fortaleza localizada na atual Jordânia.

Esculpida em arenito vermelho-rosa, a capital do antigo reino Nabateu é um dos sítios arqueológicos mais icônicos do mundo.



©COMSTOCK/STOCKBYTE/THINKSTOCK

Dê sua opinião

- JAKE:** *Where should we take a vacation this year? Let's **decide** soon.*
- MELISSA:** *Well, I'd like to go somewhere warm. **How about** the beach? Or we could rent a cabin on the lake.*
- JAKE:** *You want to go to the beach, again? I want to ski this winter. How about a compromise? What about traveling to the Alps in Europe next April? We can find a ski resort on a lake.*
- MELISSA:** *Oh, we've never been to Europe before! But I don't know if it will be sunny and warm then. I need to do some research first. That will help me **make up my mind**.*
- JAKE:** *Onde devemos passar as férias este ano? Vamos **decidir** logo.*
- MELISSA:** *Eu gostaria de ir para algum lugar quente. **Que tal** a praia? Ou poderíamos alugar um chalé no lago.*
- JAKE:** *Você quer ir para a praia de novo? Quero esquiar neste inverno. Vamos fazer um acordo? Que tal viajar para os Alpes, na Europa, em abril? Podemos encontrar uma estação de esqui em um lago.*
- MELISSA:** *Ah, nunca fomos para a Europa! Mas não sei se estará ensolarado e quente nessa época. Preciso primeiro pesquisar um pouco. Isso vai me ajudar a **fazer a cabeça**.*

Notas linguísticas

- **Decide** (decidir) é um verbo útil para expressar escolhas em inglês. A expressão idiomática **make up my mind** (fazer a cabeça) também significa “decidir”:

*“There are so many choices in this menu. It’s going to take awhile to make up my mind/decide.”
You can finish this sentence with either the idiom or the verb “decide.”*

“Há muitas opções neste cardápio. Vai demorar um pouco até eu fazer minha cabeça/decidir.”
Você pode concluir essa frase com a expressão idiomática ou com o verbo “decidir”.

- **How about** (Que tal) Essa expressão apresenta uma alternativa. Pode ser seguida por um sujeito e um verbo conjugado ou por um substantivo:

How about we go swimming? / How about a movie tonight?

Que tal irmos nadar? / Que tal um cinema hoje à noite?

- Muitos verbos expressam opiniões em inglês: *think* (pensar) / *believe* (acreditar) / *suppose* (supor) / *assume* (presumir), etc. Nem todos são sinônimos. Por exemplo, “supor” e “presumir” expressam que a pessoa tem uma ideia preconcebida:

He came back late from work, so I assumed that traffic was bad. / I suppose that may not have been the case, and that he might just have had a lot of work.

Ele chegou em casa tarde do trabalho, portanto, supus que o trânsito estava ruim. / Presumo que talvez não tenha sido isso, mas que ele tenha tido muito trabalho.



Everyday Conversations:
Learning American English

Aprendendo inglês?

Conversas do dia a dia podem ajudar. Leia o texto e depois visite a URL abaixo para ouvir nativos da língua pronunciarem as palavras. Nosso livro *Everyday Conversations* traz muitos outros diálogos e **é gratuito para download!**



Ouça o áudio em inglês da conversa deste mês.
<http://goo.gl/mZ9zaR>



Faça o download do livro!
<http://goo.gl/SwNK9i>



Tanya Hiple
(esquerda)
na loja da As
Kindred Spirits

©DA. PETERSON

Um lugar à mesa

TANYA HIPLE

Tanya Hiple é assessora sênior para Empreendedorismo Feminino no Departamento de Estado dos EUA. Antes disso, foi proprietária de uma empresa de consultoria.

Durante uma década de trabalho com mulheres que dirigiam pequenas empresas, conheci a montanha-russa chamada empreendedorismo, assim como a perseverança necessária para enfrentá-la. Desde negócios instalados no porta-malas do carro até a construção de empresas multimilionárias, as mulheres estão fazendo o que for necessário para ter sucesso.

Em 2012, segundo a pesquisa Global Entrepreneurship Monitor, 126 milhões de mulheres em 67 economias do mundo abriram empreendimentos de risco, gerando milhões de empregos e contribuindo substancialmente para o produto interno bruto do seu país. Elas vieram se somar aos 98 milhões de mulheres que já dirigiam empresas estabelecidas.

Só nos Estados Unidos há 8,6 milhões de mulheres donas de empresas, gerando US\$ 1,3 trilhão em receitas e empregando quase 8 milhões de pessoas, segundo o Relatório sobre a Situação das Mulheres Empreendedoras de 2013.

Apesar das significativas contribuições das mulheres empreendedoras à economia global, as estatísticas mostram que elas não empregam um grande número de trabalhadores. Elas enfrentam vários obstáculos que impedem o crescimento dos seus negócios, tais como acesso limitado ou inexistente a mercados, capital, educação superior em administração de empresas e redes de contato, assim como regulamentações inadequadas, para mencionar alguns.

Muitas mulheres empreendedoras se defrontam com barreiras

relacionadas com tradições culturais e percepções da sociedade. Para dirigir uma empresa de sucesso, algumas precisam remar contra a corrente e forjar novas vias de entendimento. Organizações como a Vital Voices, a iniciativa 10 mil Mulheres do Goldman Sachs, a Thunderbird for Good e a WEConnect International trabalham diligentemente com o objetivo de levantar recursos para acabar com essas barreiras.

Grandes empresas e governos estão cada vez mais cientes dos benefícios econômicos provenientes da solução desses problemas que dificultam ter um negócio. As grandes empresas começaram a incorporar negócios pertencentes a mulheres em suas cadeias de fornecimento, enquanto os governos trabalham para derrubar barreiras regulatórias.

Incentivar as mulheres a pôr em prática seu potencial empreendedor traz benefícios para as economias. Em minhas viagens, tenho tido oportunidade de conhecer empresárias do mundo todo. De Seng Takakneary, da SentoSaSilk, no Camboja, que vende produtos de seda de alta qualidade no mundo todo, à Rukmini Walker, fundadora da As Kindred Spirits, loja de objetos de arte e joias no aeroporto de Washington, as mulheres estão ocupando um lugar à mesa.

Mulheres proprietárias de empresas são agentes vitais no desenvolvimento das economias emergentes. Elas irrevogavelmente podem levar o desenvolvimento econômico a novos patamares. ■

tudo sobre inglês



AUDITORY (AUDITIVO) | relativo à audição ou ao ouvido, p. 6

COPE (LIDAR) | enfrentar problemas e situações difíceis e tentar encontrar soluções, p. 11

CONTEXT (CONTEXTO) | situação em que algo acontece; grupo de condições existentes onde e quando algo acontece, pp. 3, 28

FOSTER (FOMENTAR) | contribuir para que algo cresça ou se desenvolva, p. 11

FUSE (FUNDIR) | juntar ou combinar (coisas diferentes), p. 9

GRASS ROOTS (BÁSICO, DE BASE) | básico, fundamental; estar, originar-se ou operar no nível básico ou local da sociedade, p. 4

HIGH-OCTANE (ALTA OCTANAGEM) | muito potente, forte ou eficaz, p. 19

MENTOR (MENTOR) | alguém que ensina ou ajuda e aconselha uma pessoa menos experiente e em geral mais jovem, p. 22

PARASITE (PARASITA) | animal ou planta que vive no interior ou na superfície de outro animal ou planta e deles obtém alimento ou proteção, p. 26

PHOTOJOURNALISM (FOTOJORNALISMO) | trabalho ou atividade que utiliza fotografias para informar em revistas ou jornais, capa.

POLLINATE (POLINIZAR) | dar a uma planta pólen de outra planta do mesmo tipo para que as sementes sejam produzidas, p. 26

RELUCTANT (RELUTANTE) | quem sente ou demonstra dúvida sobre fazer algo; quem não está disposto ou interessado em fazer algo, p. 6

SEAMSTRESS (COSTUREIRA) | mulher que costura roupas, cortinas, etc., como profissão, p. 14

STRAIGHTAWAY (RETA) | parte reta de uma pista de corrida, p. 19

SUFFRAGE (SUFRÁGIO) | direito ao voto em uma eleição, p. 22

VERSUS (CONTRA, EM CONTRAPOSIÇÃO) | usado para indicar duas coisas, escolhas, etc. diferentes, que estão sendo comparadas ou consideradas, p. 28

USADO COM AUTORIZAÇÃO DE MERRIAM-WEBSTER'S LEARNER'S DICTIONARY ©2013 MERRIAM-WEBSTER INC. (WWW.LEARNERSDICTIONARY.COM).

LIGANDO OS PONTOS





Embaixada dos Estados Unidos da América



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS
BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS